OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1094

20 de Maio de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os jornaes do Brazil trouxeram nos a noticia de ter morrido o nosso velho actor Amaro que ha annos para lá fôra e se deixára ficar por lá.

Saiu-lhe certo, afinal, o pitoresco dito, tantas vezes ouvido pelos trocistas dos amigos que o esperavam entre bastidores, para o vigoroso aperto de mão de sincero aplauso, quando elle se recolhia ao camarim, deitando os bofes pela boca fóra, depois de alguma tirada violenta de quinto acto, que o deixasse estafado para todo o resto da noite, com faltas de ar que nos metiam dó, e uma profunda oppressão assim aqui, no peito:

— «Vocês verão... verão: mais dia, menos dia, acórdo morto...»

Matou-o uma lesão cardiaca, pobre Amaro! em uma triste cama do Hospicio do Amparo dos Velhos. Caiu o panno, assim e para sempre, sobre uma das figuras mais ratonas, mais irrisorias e mais dignas de dó por fim de contas, que têm moirejado resignadamente, escravisadas á pertinacia de uma decidida vocação mal succedida, na nossa arte dramatica.

Com oitenta annos, e desde muito novo dedicado á sua arte, Amaro era ainda d'esse quasi desaparecido numero de actores que foram de immensa nomeada entre os antigos, e que poderam colher o melhor das largas e verdes folhas d'aquelle loureiro de gloria, plantado e regado carinhosamente pelo Talma, á velha entrada do palco do Salitre. Trepára tambem Amaro, como podera, ao tronco altivo d'essa arvore, e de lá arrancara o apetecido ramo, que passou á volta da cabeça em corôa, e do qual mais tarde, por um deploravel engano, lhe lançou mão a mulher para tempero de um precioso escabeche de goraz.

Entendia elle, e sem pôr difficuldade em confessá-lo a intimos, que o actor é sempre, a despeito da sua individualidade e do seu talento, e da estima pessoal que porventura inspire, uma creatura que deve, para manter aprumo, conservar-se á parte da sociedade real. Na adopção d'este principio se originára, pois, toda a grande ratice do nosso bom Amaro. E era bem uma ficção toda a sua arte, e toda a sua vida consistiu, sem duvida, em permanentemente simular, melhor ou peor, uma existencia bem diversa da sua, talvez por uma especie de raciocinio que o determinava a continuar representando sempre, fóra do palco, o seu estranho papel de Amaro José sabendo pôr-se ao largo da esfera de toda a gente, para residir, com a intransigencia mais viva, na sua esfera propria, a esfera da gente de theatro, bem recolhido ao isolamento que a sua profissão lhe demarcava, alheio a todas as regras communs, no seu romance bem cheio de contrastes e de imprevistos, todo vivido dos enthusiasmos e dos desdens da turba.

BLASCO IBAÑEZ

Para aquelles que só o conheceram em scena, desde o Theatro Normal, onde trabalhou por largo tempo, até aos theatros de feira onde foi parar, Amaro foi um grande artista ignorado. Elle proprio, tanto illudido sempre por seus triumfos ganhos de mão dada com Emilia das Neves, a sublime, que o armava em galã de cabelleira romantica para digressões ás provincias; elle proprio, que ás vezes era de um quasi insuportavel amôr-proprio, e tão profundamente convicto se mostrava da sua alta importancia sobre o tablado; elle proprio ignorava todo o valor, que tinha, de comediante.

Em scena era um mediocre, apenas aproveitavel com exito para uma ou outra rabula que viesse contra-scenar em episodios de baile ou recepção d'embaixada, offerecendo o braço a alguma dama, ou tomando a aza de alguma chavena de chá, em discreto dialogo de diplomatas, do qual nem uma palavra só chegasse aos ouvidos do espectador. Todavia, Amaro possuia para seu uso, mas sem que conseguisse tirar d'ella todo o partido que imaginava tirar, uma acertada theoria do theatro. Não descurar o detalhe que menor parecesse; não abandonar ao acaso a mais insignificante palavra; ter sempre em vista que a fisionomia e o gesto pódem tudo exprimir — tudo isso constituia para elle a importancia capital da scena.

Mas entrava em ensaios alguma nova peça e nessa peça tinha Amaro que entrar — fidalgo pobre, industrial fallido, director geral ou heroe, vice-almirante ou marido atraiçoado... e ahi se encetava para elle um novo supplicio, qual o de encarnar-se com verdade, com essa Verdade em letras maiusculas que debalde se esforçava por topar, na pelle da personagem, que em distribuição lhe coubera.

Lido e relido o papel uma boa duzia de vezes, sem que uma só palavra lhe restasse de memoria, Amaro procedia

então, methodicamente, minuciosamente, pacientemente por peso e por medida, em volta de cada frase, de cada exclamação, de cada áparte, á busca exacta das multiplas variações psycologicas que ao seu modo de vêr e á sua larga e reconhecida experiencia — «Dezenove annos em Dona Maria... a *Dama das Camelias* com a Emilia das Neves...» — mais se aproximassem, mais e mais, da perfeita, da completa, da irrepreensivel verdade. E com que afinco, e com que consciencia do dever profissional, Amaro ia e vinha, se assentava e tornava a levantar-se, fixando a platéa ou pondo se em perfil, e quantas vezes ensaiando, para a mesma frase, o sobreolho carregado ou um sorriso aberto! E sempre assim, sempre assim! até aos ultimos ensaios, até ao momento do ensaio geral, em que suava e limpava o suor, na impotencia invencivel e desesperada de encontrar a Verdade, a perfeita, a completa, a irrepreensivel Verdade, a Verdade com lettra grande! E já então tudo esquecendo do que tinha no papel, e tudo pedindo ao ponto, e tudo trocando, tudo confundindo, tudo pervertendo, tudo mastigando, engasgando-se com tudo!

Em alguma scena, que elle julgasse de grande effeito, muito embora o não fosse na maior parte das vezes, mas em que elle entendia dever pôr toda a sua arte, e o esforço supremo de todos os seus recursos, Amaro via-se e desejava-se, tendo de pensar em si, na sobrecasaca, na cabelleira, no ponto, no nariz de cera, no publico, naquelle que teria de dar-lhe a deixa... No meio de tantas preocupações sem tregua e de tantas complicadas palpitações, acontecia pois, com frequencia — e d'ahi se originou a lenda de calinadas que aureolou em vida a sua estranha figura — que o actor Amaro transtornava, por qualquer transposição de palavras, algum dito de sua casa, ou disparatada interpretação de certa frase, todo o effeito, muitas vezes grandemente dramatico, do lance, dando azo á mais inopinada e estridula explosão de gargalhadas geraes, na platéa, em scena, nos bastidores...

D'uma vez, por exemplo, representando-se um drama de Augusto Garraio, Amaro, em certa altura, investia com outra personagem, ameaçando-a:

— «Se dás mais um passo, racho-te essa bengala com esta cabeça!»

D'outra vez, tendo de proferir a frase final de um terceiro acto, referindo-se ao qui-pro-quo que motivára um telegramma ambiguo, dando causa ao complicadissimo enredo de toda a peça, comentava-o o nosso bom Amaro, com certo sorriso de impagavel expressão:

— «E aqui têm, minhas queridas senhoras, como a desgraça de uma familia inteira póde originar-se no peri-có có de um telegramma amfibio...»

E assim por diante, interminavelmente, desde que, em alguma cavaqueira risonha de camarim, entre colegas de Amaro e frequentadores das caixas de theatro, alguem désse ensejo a referir-se um caso, uma léria, um disparate em que o grande actor se houvesse achado involvido: porque atrás d'esse primeiro disparate referido, d'essa léria ou d'esse caso, outros e outros e mais se desprendiam e se precipitavam, como d'um rosario a que caiu a primeira conta, se escapolem, umas atrás das outras, todo o resto das contas.

Em se tratando de Amaro, acontecia com as anecdotas aquillo mesmo que sempre acontece com o comer e o coçar: tudo estava no começar...

Fóra de scena, cá fóra, Amaro continuava sendo, em realidade e a sério, do mesmo comico irresistivel. Fazendo lembrar, por semelhanças do fisico e afinidades de psichologia, aquelle curioso tipo de comediante que era Delobelle, caricaturado por Daudet nas paginas do *Fromont Jeune* — Amaro acreditava-se, como esse mesmo ignorado Delobelle, um genio incomprehendido por empresarios e publicos. D'essa errada convição, que o trazia sempre constrangido e acabrunhado, lhe subia por vezes, e lhe aflorava aos labios secos, palidos e contraidos, a mais solemne expressão de profundo desdem que tenho observado em despeitos de imbecis considerados genios, se acaso as multidões persistem em não lhes medir o valor pela craveira inatingivel da sua vaidade.

Não se irritava, porém; antes se compadecia da ignorancia do publico que, para elle, da platéa do Normal ás bancadas do Dallot, não merecia distinção. E para comprovar, em horas de desabafo com amigos, se porventura lhe tocavam no fraco, estranhando e condemnando a frieza com que fôra recebida alguma das suas grandiosas, excepcionaes creações, Amaro dizia sempre:

— «O publico, afinal de contas, não merece a importancia que os grandes artistas lhe ligam... O publico é uma besta. Ainda hontem, no auge d'aquella scena do 2.º acto em que eu declaro á Falco, toda banhada em lagrimas, que o marido morreu de bric-á-brac... desatou tudo, tudo a a rir, a rir, como se o caso fosse para isso!»

Bric-á-brac queria dizer: béri béri.

E muito boa tarde, e lá ia seguindo, altaneiramente, requebrando o corpo, balanceando o andar, solemne e compassado. Senão quando, da porta do seu estabelecimento de secos e molhados da Rua dos Correeiros, um lojista conhecido, reverencioso, o saudava á passagem...

— «Passe muito bem, Sr. Amaro!»

Então, mais aquelle impagavel nariz boquiaberto de Amaro se inflamava com tanta popularidade, nos cantos azulados da boca duas largas pregas lhe sorriam, e a sua voz untuosa, muito salivada, se modelava, correspondendo assim ao cumprimento:

— «Adeus, Sr. Soares & Irmão!»

Pobre Amaro, estapafurdio Amaro! Parece-me estar ainda a ouvil-o, em uma das ultimas noites que saimos juntos do Theatro da Avenida. Como a noite estivesse magnifica, todo o ceu escuro cravejado de estrellas, e se falasse de Flammarion e do poder da astronomia — Amaro erguia a fronte á abobada do infinito, pasmava da imensidade e confessava não saber que mais admirar: se a maravilha da sciencia que tem podido calcular o volume da Terra, a distancia dos planetas, a hora fixa do aparecimento de um novo astro... se a precisão com que os astronomos têm chegado a saber, cá por baixo, o nome exacto de cada um d'esses planetas e de cada um d'esses astros...

Astros, com sua licença, Amaro!

João Prudencio

BLASCO IBAÑEZ

De passagem para a Argentina demorou-se alguns dias em Lisboa Blasco Ibañez, uma das maiores glorias literarias da Espanha, alma de artista e de poeta, revelada em suas obras, traduzidas em todas as linguas cultas, como as dos grandes pensadores para quem não ha fronteiras na humanidade.

Blasco Ibañez é escritor moderno com toda a forma realista da verdade, servida por estilo brilhante, colorido das mais vivas côres da formosa lingua de Cervantes. Alguns o denominam, acaso, o Zola da Peninsula, lendo as suas obras *La Barraca*, *Terra Maldita*, *A Catedral* e *Sangre y Arena* quadro, vivissimo das tragicas cenas das touradas em Espanha. Mas se não é esta a denominação que cabe a Blasco Ibañez, é certo que sua individualidade se eleva muito acima na literatura, aliaz riquissima, do seu país.

Visitando Lisboa Blasco Ibañez, não podia deixar de ser bem recebido em nosso meio literario, e assim lhe prepararam festiva recepção as Associações dos Jornalistas e da Imprensa, Centro Democratico Academico, a que se juntou o sr. Justino Guedes, gerente da Editora, que tem aqui publicado traduções das suas obras.

Com estes elementos, foi realmente carinhoso o acolhimento, e tanto na sessão que se realisou na Sociedade de Geografia, promovida pelo Centro Democratico Academico, em honra do autor da *Catedral*, como nas diversões e banquetes que lhe foram oferecidos, Blasco Ibañez não ocultou a comoção que essas manifestações de simpatia e admiração por seu prestigioso talento, lhe produziu, revelando a em suas palavras de agradecimento quando disse que: «costumado a grandes manifestações populares, sobretudo de caracter politico, elle orador encontra-se, no entanto, verdadeiramente assombrado com as demonstrações de carinho e de afécto que lhe teem sido aqui dispensadas.»

E acrescenta:

«Reconhecendo muito embora que nesta classe de manifestações ha duas partes distintas: uma á individualidade, outra ás idéas que ella representa e é — no seu entender — sob este ultimo ponto de vista que unicamente as tem grangeado.»

A estas palavras muitas vozes da assembleia dizem: «Não apoiado».

De facto, deve ser ao grande artista das belas letras que nossas saudações se dirigem.

Blasco Ibañez segue para o Brasil e Argêntina onde vae fazer conferencias literarias, e tratar de negocios de sua casa editora.

O Occidente publicando seu retrato, presta homenagem de saudação a Blasco Ibañez, prestigioso autor que avigora as tradições literarias da raça latina.

OCCASO

Da azul cupula solemne
O sol, hostia luminosa,
Desce em fundo de oiro e rosa
Em glorioso lausperene.

Offusca o seu brilho intenso
Uma transparente bruma;
O mar, que este acto perfuma,
Queima em perolas incenso.

O vento calou-se; apenas
Respira como prostrado
No immenso templo doirado
De tão grandiosas scenas.

Nuvens de oiro vaporoso
Com fimbrias de luz, distantes,
São as sanefas brilhantes
D'esse throno luminoso.

Mas com que pesar tão vivo
O sol diz adeus á terra
Quando por cima da serra
Corre um beijo fugitivo!

Sobre um pincaro se córa
De rosa a neve na altura;
Pois tambem a formosura
Se ruborisa se chora.

Abaixo, na sombra alvejam
Gottas de neve caidas,
Como lagrimas sentidas
Que ainda as saudades beijam.

Nos ramos, pela devesa,
As aves, n'uma harmonia,
Cantam a doce elegia
Que lhes inspira a tristeza.

E que profundo segredo
De alguma coisa sombria
Diz o sol no fim do dia
A's folhas do arvoredo!

E' um ultimo lampejo
De luz que extinguir-se vae
E' o ultimo amor que sae
Da nossa bocca n'um beijo.

A vida é um sol ridente
Surgindo da infancia — aurora,
Saudosa quando descora
Como um saudoso poente.

Vão-se assim da mocidade
Os derradeiros fulgores;
Depois do sol dos amores
Vem a noite da saudade.

Que mundo de luz perdido
N'uma palavra tão breve,
N'um olhar que foge leve,
No aroma de um vestido!

(Fayal-Açores).

M. Joaquim Dias.

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

(Notas rapidas)

I

N'um meio em que o nivel intellectual fosse mais elevado e o gosto mais culto, o caso da abertura de uma exposição d'arte, organisada em circumstancias não triviaes entre nós, seria motivo forte para regosijo e enthusiasmo nos arraiaes da imprensa, onde se queimariam d'esta vêz vistosas girandolas não longe do sitio em que de ordinario se queimam incensos e se sacrifica a entidades menos augustas.

Depois, extremando-se com algum escrupulo, a dentro do templo, as *divindades* que n'elle figuram, entoar-se-lhe-iam os merecidos hymnos, farse lhe-iam as devidas genuflexões, sem idolatria, nem desprimores nas invocações.

II

Quatro salas... se abrem... — não é talvez bem o termo, porque a primeira fecha-se, afunilando-se para dar uma estreita passagem a outras, onde os quadros, como na primeira, se accumulam, trepando a alturas inattingiveis, — como na ultima succede — sem grande desgosto, valha a verdade, dos olhares que até elles se elevem, algumas vezes.

Essas quatro... — Transpunhâmos a estreita passagem á segunda, que logo, á sahida, nos occuparemos d'essa primeira... Essas tres salas, portanto, iamos dizer, ricas de colorido — por vezes exuberante e incontinente — seguem-se com elegancia dispostas, de fórma a mostrar-nos, sensatamente, em evidencia, os trabalhos que n'ellas pelas suas qualidades mais se impõem.

Assim, vêmos logo pela porta fronteira, ao fundo da terceira sala, o quadro de José Malhôa, *Os bebedos*, quando ainda á entrada da segunda sala onde teremos, natural e gostosamente, de deternos deante de muitas das telas que ahi se exibem.

Sobre a parede da esquerda, encimados por alguns trechos de paisagem que nem sempre teem ali adequada collocação, varias figuras de senhora, de homem e de creança, pintados por Carlos Reis, demonstram o seu forte temperamento de artista exuberante de qualidades de meridional.

A dama de velludo castanho que, ao centro, nos captiva pela sua irresistivel e empolgante seducção, é um d'esses trechos de pintura em que a vista se compraz pela harmonia suavissima da tonalidade, pela distincção rara e patricia da retratada, em que algo de sonhador e espiritualmente psychico se reflecte, executado com maestria n'uma factura larga, forte e elegante. Ladeam-n'o duas conhecidas individualidades na medicina, o dr. Breyner, e na engenharia, Luiz Strauss, flagrantes de verdade e caracter, no vigor com que a pintura os faz resaltar da tela.

Um calmo, Crésus sentado, de luneta, emparelhando na *cimaise* com uma senhora idosa, tambem sentada, vestida de negro, mostram as solidas qualidades d'uma larga e limpida pintura que não falseia os caracteres das personagens.

Mais uma tela em que a mocidade simples e pura (129) n'um simples e leve vestido branco destaca sobre um fundo de rica seda de bellas cambiantes e outra ainda de uma creança em que os saiotes e sobretudo um amartanhado tapete de Arrayolos são pujantemente pintados. A notar do mesmo pincel as paisagens esplendidamente illuminadas *Na varanda* e *Sol de outomno* e o *Velho solar* e *Dia sombrio* de fina entoação.

No recanto ainda da esquerda, uma grande paisagem de Trigoso, sobreposta a outras pequenas do mesmo auctor aquecem com o seu justo colorido da região algarvia e ligam, em afinada transição, com os trabalhos do radioso mestre, não devendo esquecer uma telasinha que, pintada por Alves Cardoso, mesmo ao canto se engasta, naquella sonora e bem timbrada harmonia de côr.

(Continúa.)

A. O.

LIVROS NOVOS

Principe de Martirio

Por João Maria Ferreira

Depois do seu livro *Tristezas*, em que este joven poeta se revelou um escritor de qualidades apreciaveis, a sua ultima obra, *Principe de Martirio*, denota da parte do seu autor um sentimentalismo pouco vulgar!

O nefando crime, que encheu de luto a familia real portuguêsa, fez nascer este livro do ilustre poeta João Maria Ferreira, como que atravez do cantar dos seus versos, sahisse uma saudade infinita.

João Maria Ferreira, denota na sua obra, possuir um espirito verdadeiramente monarquico, d'ahi os seus harmoniosos versos cantarem com lagrimas essa *tarde funesta*, que lhe encheu de profunda tristêsa o seu coração de português!

Está sua obra, deve ser lida por todos os portuguêses, porque se outro merecimento não tivesse, possue a sinceridade, apreciavel em toda a obra de literatura.

João Maria Ferreira, embora no começo da sua vida literaria, procura passar o tempo sempre trabalhando, tendo já em preparo varias obras, algumas de folego, que aparecerão brevemente.

João Maria Ferreira

O autor do *Principe de Martirio* é um analista e um amante da naturêsa, e como estuda o meio que o rodeia imprimindo-lhe um tom de melancolia que é caracteristico do seu caracter, assim o revela no *Principe de Martirio*, em que se encontram versos como estes:

> Principe de martirio, alma celeste,
> tão cedo arrebatado á vida agreste,
> nos labios tendo o oiro das creanças
> e no peito gentil mundos de espr'anças
> sobre Vós, sobre os Mortos, sobre os Vivos,
> choram todos que á vida estão cativos,
> choram todos os bons e a Patria chora
> e á Vossa alma a Nação o bem implora.

Esperemos anciosamente novos trabalhos seus, que virão vincar mais uma vez o seu talento de poeta.

A. P. S.

DA MINHA TERRA

FIGURAS GRADAS — IMPRESSÕES DE ARTE

Por José Queiroz

Eis um livro original na fórma e nos assuntos de que trata nas suas cento e oitenta e tantas paginas in 4.º bem impressas e ilustradas de desenhos graciosamente intercalados no texto, que ora representam paisagens, monumentos, tipos, retratos, ora azulejos, ceramicas, ferragens, que de tudo tem este livro de boa prosa, devidida em tres partes: *Figuras gradas*, *Impressões de arte* e *Arte aplicada*.

Que José Queiroz era um artista nos dominios da pintura e da decoração, já todos sabiam, para não falarmos na sua guitarra que fez o delirio da descuidosa boémia dos bons tempos passados, mas que de entre os seus pinseis e dos seus lapis surgise agora a pena no cultor das bélas letras, é novidade para nós e será para muitos, quero crêr.

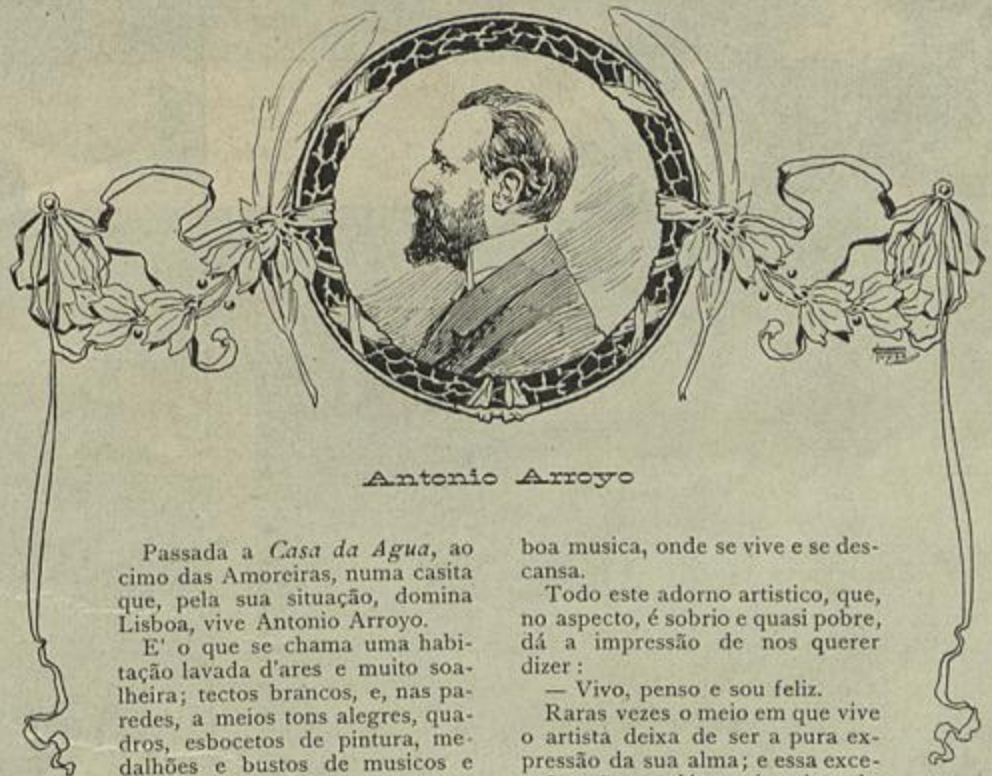
Novidade boa, entenda-se, que novidades literarias aparecem por ahi tantas como boatos sem valor.

José Queiroz apresenta um livro bem feito. Fala-nos de passeios artisticos pelas provincias, fala-nos de homens de letras e de figuras de destaque na sociedade portuguêsa, conta historias, e disserta sobre arte aplicada, descobrindo azulejos preciosos e ferragens quinhentistas até o seculo XVIII, com proveitoso estudo e ensinamento.

Original na fórma, dissémos, e de facto, no seu dizer conciso e elegante diz tudo como quem de ha muito espurgou da pena todas as inutilidades que pesam e desfeiam a obra de arte.

Falta-nos espaço e tempo para alargar a noticia do bélo livro *Da Minha Terra*, que esperamos melhor saborear nalguma hora de descanço. Qualquer excerpto delle diz mais do que nós para o recomendar ao leitor, e assim, ao acaso transcrevemos um breve capitulo cuja simplicidade encanta.

Fala de Antonio Arroyo, essa alma de artista de tão grande destaque em suas criticas, juntando o retrato, que em gracioso desenho entesta a pagina que lhe é dedicada.

C. A.

Antonio Arroyo

Passada a *Casa da Agua*, ao cimo das Amoreiras, numa casita que, pela sua situação, domina Lisboa, vive Antonio Arroyo.

E' o que se chama uma habitação lavada d'ares e muito soalheira; tectos brancos, e, nas paredes, a meios tons alegres, quadros, esbocetos de pintura, medalhões e bustos de musicos e escriptores de nomeada; estatuetas de artistas celebrados; desenhos á penna e a lapis, que alternam, em disposição equilibrada e despretenciosa, com faianças — na maior parte, das nossas antigas fabricas.

Livros por toda a parte; gravuras, chromos e photographias de humanos cultores das coisas bellas, que foram, são grandes e nunca serão pequenos.

Mobiliario, o indispensavel; ausencia de cortinados, de reposteiros, nas janellas e nas portas, para que o ar circule melhor e purifique a atmosphera das divisões, onde se trabalha, onde se faz boa musica, onde se vive e se descansa.

Todo este adorno artistico, que, no aspecto, é sobrio e quasi pobre, dá a impressão de nos querer dizer:

— Vivo, penso e sou feliz.

Raras vezes o meio em que vive o artista deixa de ser a pura expressão da sua alma; e essa excepção não se dá no interior da casita altaneiramente collocada ao cimo das Amoreiras.

Tenho, de ha muitos annos, notas que enchem largas folhas de papel, e dariam para escrever um succulento volume, sobre Antonio Arroyo; e, comtudo, não sei mais do que dizer o ponto da cidade onde elle habita, e esboçar o meio que o cérca.

Este simples modo de me referir a um dos criticos d'arte mais notaveis da minha terra é-me suggerido — penso eu — pela simples maneira do seu viver.

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

Retrato do Ex.^mo Sr. Conselheiro Wenceslau de Lima, no seu gabinete de trabalho

Quadro de Velloso Salgado

Casa Saloia

Aguarela de Roque Gameiro

Uma tarefa

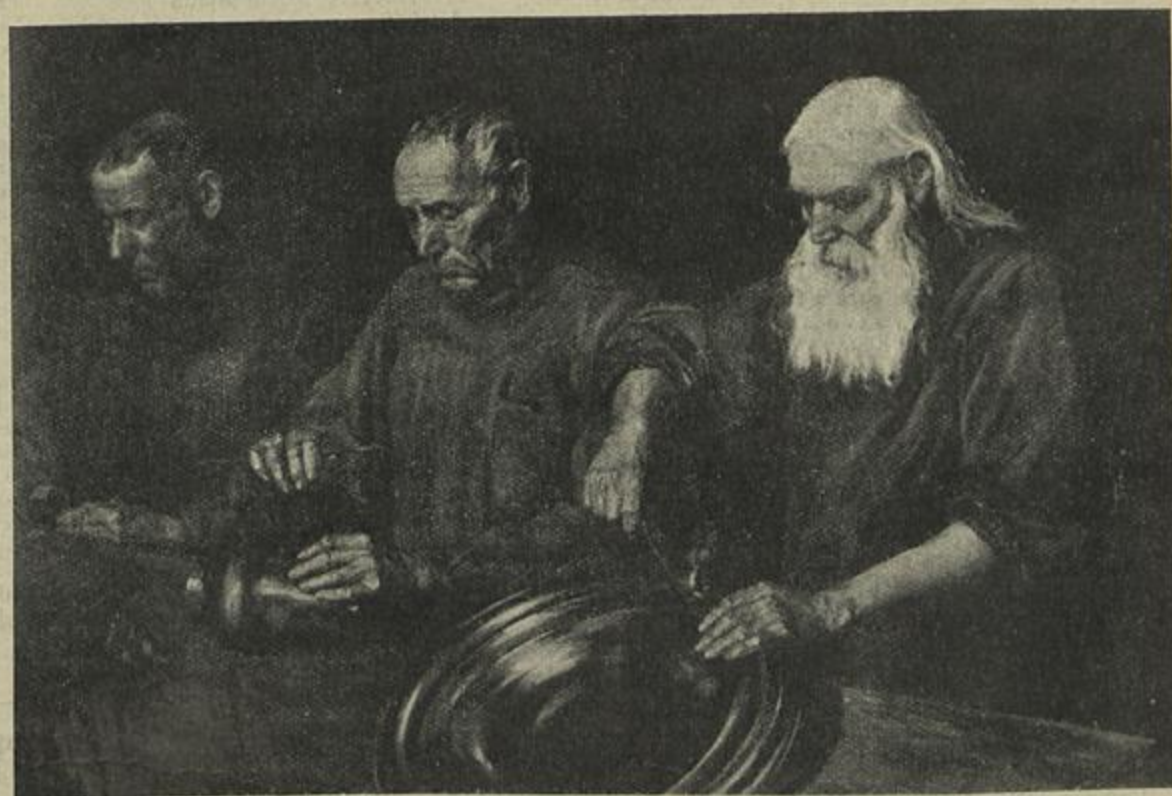
Desenho a pastel de D. Anna Carneiro

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

Um retrato

Quadro de Carlos Reis

Passando as contas

Quadro de D. Isaura Lambertini

Os Caldeireiros

Quadro de David Estrella de Mello

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVII

SUMARIO

Chegamos á rua do Arco — Os jardins de ensaio de Mr. Frederic Daupias — Breve historia desta propriedade — Os ultimos prodigios em floricultura — Os Sanatorios vegetaes e os medicos das flôres — A abundancia de flores no seculo XVII nos mercados de Lisboa — Chamou-se a capitulo Marinho de Azevedo, Antonio de Sousa de Macedo e Frei Nicolau de Oliveira — A venda de flores á porta da Misericordia — Mostra-se ao leitor um estanco do tabaco e diz-se quem era a proprietaria — Os hortos terapeuticos dos Paços Reaes — Os primitivos jardins botanicos — Alguns jardins notaveis do seculo XVIII — Os curiosos e amadores das flores de inverno — Luiz Simões Ressurgido e Miguel José de Aguiar — O *Wite* dos cravos — *Borboletas* e Canarios — Um antigo jardim de cravos — Cita-se uma anedóta sem sair do assumpto — Os floristas e vendedores de sementes no seculo XVIII — Fala-se nos *doidos tulipistas* e cita-se um explendido catalogo — Jardineiros notaveis, portuenses, lisboetas e estrangeiros — Lamenta-se a falta de um mercado de flores — Diferentes projectos não realisados — O gosto pelas flores — Leva-se o leitor a ver o panorama scenografico do topo da rua do Arco — Com isto acaba o capitulo.

Logo á entrada da rua do Arco, que vae desembocar em S. Bento em frente da empinada travessa de Santa Quiteria, fica-nos os jardins de ensaio de Mr. Frederico Daupias. Com elles nos demoraremos algum tempo. Antes disso uma nota ainda. Em 1814 chamava-se a esta serventia rua nova de São Mamede e mais antigamente rua do Arco do Pombal. Vi-a assim denominada n'um almanaque de 1760 e tantos.

*
* *

Quem passar por ali dispondo-se, como nós, a subir a rua, fatalmente pára... e espreita, se não tiver o desembaraço suficiente para bater á porta e pedir para entrar, o que lhe será facultado imediatamente.

Não empregarei o logar comum dizendo que os jardins são dignos de uma visita, porque merecem mais do que isso. Algumas vezes os tenho visto e encontro sempre novidades quando volto na vez seguinte. E' que o possuidor daquelles terrenos, ainda não ha muito incultos e bravios, á força de disvellos e canceiras, conségue, dia a dia, renovar a face matizada e policroma dos seus canteiros floridos e das suas plantações verdejantes, de modo que as surprezas nos assombram a cada passo.

Ha quatorze ou quinze annos, quando foi adquirida á familia Appleton aquella propriedade, apenas ali vegetavam meia duzia de arvores definhadas como que rompendo um tapete de ortigas. Logo, porém, depois da compra feita pelo actual dono, principiou o terreno a desbravar-se e tudo a tomar um aspecto de ordem; as sementeiras entraram de produzir; nasceram os primeiros arbustos; desabrocharam as primeiras flores.

A propriedade, que tem como inapreciavel auxiliar os sobejos do chafariz do Arco que exuberantemente fecundam a terra e refrescam as raizes sequiosas, pertencera primitivamente á avó de Herculano, D. Genoveva dos Anjos Alexandrina, de que já falámos no capitulo antecedente. Foi a ella que taes sobejos foram concedidos como indemnisação das expropriações que lhe haviam sido feitas com a construcção do chafariz e outras obras.

Como depois passou para a familia Appleton, é que eu não sei nem isso nos importa grandemente.

*
* *

Voltemos aos jardins.

A extraordinaria vegetação e florescencia que ali se notam não é só devida á bôa qualidade do terreno, fartamente beneficado, senão tambem ao profundo conhecimento do mister e aos excessivos cuidados do seu possuidor. A floricultura constitue hoje uma delicadissima ciencia. Tratam-se as flores como se tratam os animaes, dispensam-se-lhe cuidados fisiologicos e fazem-se verdadeiras operações cirurgicas que demandam não menos conhecimentos e pericia do que as que vulgarmente se executam nos hospitaes. Os jardins de ensaio e os hortos botanicos são verdadeiros santuarios vegetaes; em Paris tem se óbrado maravilhas neste sentido, modificando a forma, a coloração e o tamanho classicos das flores; no Japão agiganta-se a flora indigena e atrofiam-se as arvores.

Por estes e outros processos, fazendo cruzamentos, enxertando e operando as caules e as hastes, tem-se obtido prodigios. Os antigos jardineiros passaram a chamar-se os medicos das flores que, nas suas mãos, como por milagre, crescem, alindam-se, transformam-se, colorindo-se de novos tons e desabrochando em novas formas.

Não deixa talvez de vir a pêlo, já que em jardineiros e flores falámos, lançar uma vista de olhos sobre o comercio e culto da floricultura em Portugal e muito principalmente na nossa querida Lisboa.

Anima-me a abrir este parentesis a ideia de que não desagradará ao leitor tão odorifera digressão.

*
* *

Luiz Marinho de Azevedo, o interessantissimo cronista seiscentista das antiguidades da capital, fala-nos assim dos floridos campos alfacinhas (1):

«Os campos de Lisboa conservam uma prepetua «amenidade vestindo-se de verde grama, hervas «salutiferas e variedade de jasmins, rosas, viole«tas, junquilhos, cravos, goivos e todas as mais «flores; que fazem alegre a primavera, não fal«tando todos os mêzes do anno nos frisos e por«tas da Misericordia, em tanta quantidade que «parece desmentirem os nossos tempos, sendo «excessiva a siza que d'elle se paga.»

E mais adiante:

«As flores dos nossos campos advertiu o padre «Antonio de Vasconcellos que juntando a sus«tancia artificiosa artificiosas abêlhas fabricavam «nos doces favos o mais cheiroso e suave mel de «que se tinha noticia, porque o faziam do succo «mais mimoso das rosas, flor de laraja, jasmins e «mais boninas de que abunda o distrito de Lis«boa, sem ter o sabor do alecrim, rosmaninho, «murtas, giestas, tôjos, tomilhos e outros arbus«tos silvestres dos matos e charnecas da banda «de além e outras partes.»

«Ha argumentos evidentissimos do grande ex«cesso a que os campos de Lisboa se avantajam «a todos os do mundo (como notáram Gil Duar«te de Avelar e Duarte Nunes, aquelle nas gran«dezas de Madrid e este na descripção de Portu«gal) mais de sete mil jardins e quintas de prazer «e recreação. Çintra, Oeiras, Bemfica, Alvalade, «Luz, Sacavem, Xabregas, tudo eram quintas e «logares esmaltados de flores e boninas» (2).

Este extremado panegirista da floricultura indigena excede-se, decerto, levado pelo seu loquaz entusiásmo no conto fantastico de jardins e quintas suburbanas.

Com referencia, tambem, á florescencia dos arrabaldes lisboêtas, já em 1606 dizia o, tantas vezes citado, autor da descripção metrica de Lisboa:

.... é sujeita
A tal clima que parece
Estar sempre em primavera

De mil boninas e flores
Rozas, jasmins, violetas,
Cravos, cravinas e goivos
Faz todo o anno capellas.

*
* *

A venda das flores fazia-se pelas ruas e tinha as suas praças certas. Ahi afluiam, logo pela manhã, as çaloias e camponezas dos arredores.

Uma dessas praças, já entrevista no panegirico do capitão Marinho de Azevedo, era á porta da Misericordia, all á Conceição Velha.

Diz Antonio de Sousa de Macedo, já transcripto pelo sr. visconde de Castilho, que era espantosa a quantidade de flores que ali se expunham á venda em grinaldas, ramilhetes e outras invenções (3).

O tal poeta narrador tambem nos refere que:

A's escadas desta porta
Infinitas camponezas
Todo o anno estão vendendo
Flores de cheirosas hervas.

Frei Nicolau de Oliveira, conta identicamente «que todos os dias nos degraus da igreja da Mi«sericordia achára de 15 até 20 moças vendendo «boninas e flores assim soltas como em ramilhe«tes e capellas que fazem por extremo bem feitas «e destas se gastaram em quatro igrejas, em que «se festejou o segundo domingo de agosto de 1620 «três mil capellas e dois mil e tantos ramilhetes, «afóra muitas boninas soltas e mangericôes e «valverdes, etc.» (1).

Entre estas mulheres uma havia que o municipio designava, ou por mais competente ou por mais antiga no oficio, para preparar as capellas ornamentaes das festas e procissões da Camara. Em 1645 essa ramilheteira privilégiada, a quem «chamavam *capelleira da cidade*, era Felipa Carvalho» (2).

Hoje que nem a feira, e o que é mais, nem a Misericordia existem, já nos é vedado indicar (como aconselhava o Anatonico jocoso aos peraltas do seu tempo) a qualquer janota dos nossos dias:

«Olhe, vá passear ali pela feira das flores se o não obrigar a consciencia a que fique na das bestas.»

*
* *

Uma rapida digressão.

Sabe o leitor quem ahi pelos meados do seculo XVII foi visinho destas vendedeiras de flôres? Não sabe, decerto. Aqui lhe ofereço pois, novinha em folha, uma curiosa noticia.

Se pudessemos remontar a essa época e dar uma vista de olhos pelas imediações da Ribeira-Velha veriamos, ao portal da Misericordia, destacando-se entre a aluvião de certos floridos, uma tenda, de madeira tosca, onde os calafates, carreteiros e vendilhões se aprovisionavam de tabaco e onde alguns lares proximos se forneciam de legumes.

Por traz do rustico mostrador lobrigariamos, talvez, a proprietaria do estanco com os 50 annos bem conservados e ainda bellos, aviando a concorrencia numeroza.

Mas a que vem a estanqueira interromper o fio deste assumpto de flôres, perguntará o leitor já intrigado. Vem a que essa estanqueira (suponho eu) não é uma estanqueira vulgar com que decerto não iria prender a atenção de quem aceitou o meu braço de *cicerone*. — Essa humilde vendeira chamava-se Maria Bernardes de Moraes e foi mãe do grande oratoriano Manuel Bernardes, que escreveu a *Nova Floresta* e o *Pão partido em pequeninos*. Da mãe do nosso grande classico não é muito que se fale com pausa. (3)

Está-me aqui saltando ao bico da pena um feixe de noticias sobre tal materia. Isso porém levar-me-ia longe e é mister voltarmos á narração interrompida. (4)

*
* *

Reatemos o fio.

Foi pena que o capitão Marinho de Azevedo nos não deixasse o nome de algumas das quintas que enxameavam no termo de Lisboa e que elle cita apenas numericamente. Para o estudo da jardinagem em Portugal isso seria um excelente subsidio.

Dos seculos XVI e XVII pouco mais se sabe do que da existencia dos jardins e hortas dos paços reaes de Salvaterra, Cintra, Evora, Ribeira e de outras moradias regias, e isso mesmo mais pelas cartas e alvarás de nomeação dos jardineiros do que por outras referencias. Desses documentos porém, alguma coisa se conclue e é, que os jardins dos nossos antigos monárcas avultavam mais em ervas e plantas medicinaes do que propriamente em flôres de adorno.

Nos hortos coévos de que ha noticia, notava-se a mesma preferencia. Tanto o jardim que o medico alemão Gabriel Grisley fundou em Lisboa em 1652, como outro que teve no Porto F. Bearley, de que nos dá noticia Agostinho Rebello da Costa (5) ou ainda o que, em Coimbra, instituiu o dr. Thomé Roiz da Veiga, lente da Universidade eram mais hortos terapeuticos ou medicinaes do que outra coisa. (6)

Vem depois, felizmente, o seculo XVIII mais prodigo em noticias e já então se póde, com mais desafogo, forragear nos documentos.

(*Continúa*) G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) *Fundação Antiguidades e Grandezas da mais insigne cidade de Lisboa* — 1753 — Paginas 104 a 107.
(2) Idem idem.
(3) *Flores de España* — Capitulo 1.º, Exc. 2.ª

(1) *Livro das Grandezas de Lisboa* por Frei Nicolau da Oliveira.
(2) *Lisboa Antiga* — Tomo 1.º, pag. 151 e *A Misericordia de Lisboa* de Victor Ribeiro, pags. 67 a 60.
(3) Descripção da cidade do Porto por Agostinho Rebello da Costa — Porto.
(4) *A Jardinagem em Portugal* — monografia do dr. Sousa Viterbo, publicado no Instituto de Coimbra, volumes 53 e 54.
(5) Descripção da cidade do Porto, já citada.
(6) *A Jardinagem em Portugal*, pelo dr. Sousa Viterbo, já citado.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1092)

Mudara tanto, a pobre senhora, n'aquelles dôze mezes decorridos, desde que a vi pela ultima vez, isto é, no dia em que foi a noiva mais bonita, a quem deitaram a benção na grande igreja de Nice! Tinha as faces humidas e uma côr de desenterrada. Os seus olhos azues, que eu estava costumado a vêr cheios de alegria quando solteira, tinham agora um circulo azulado, escuro, e umas olheiras enormes.

O cabello, apartado ao meio como sempre usava, não parecia ter aquelle tom dourado como em outro tempo. Comtudo, sentia um certo prazer em a ouvir falar á meza, fingindo uma animação e um bem estar, que estava longe de sentir.

Denton, estacado por detraz d'ella, deitava-lhe de vez em quando olhares ameaçadores, tendo na sua conversação mais d'uma vez dado a entender, que seria melhor nós irmonos embora.

Pela minha parte já tinha tomado uma resolução, e ainda bem não acabara o almoço, e já eu manifestára a intenção de nos retirarmos, e despedindo-nos de miss Ruth e da velha, puzemo-nos a caminho, mas não sem antes lançar uma ferroadasinha ao meu amigo amarello:

— Até á vista, amigo! Tenho pena que não me possas dar uma madeixa dos teus cabellos, para me recordar de ti mais a miude!...

Não era porque estivesse com vontade de brincar; mas sentia desejos de vêr se elle se zangava, pois um homem zangado não tem tempo para pensar, e não dá conta de coisa alguma.

O meu intento, era fazer com que Denton não suspeitasse, de que o *Cruzeiro do Sul* pertencia a miss Ruth, e se eu ali estava, era por sua ordem.

Com effeito consegui o meu intento, segundo me disse mais tarde minha ama.

Madame Czerny ficou á porta do jardim, e quando chegámos ao extremo do valle e voltei a cabeça, ainda ali se conservava como uma estatua, de olhos fixos nas nossas pessoas. Três vezes a saudei com a mão e outras tantas me correspondeu.

Depois mettemo-nos no escuro bosque e foi então que a perdi de vista.

— Agora, meu rapaz, para bordo!

Dolly não respondeu.

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando se ouviu um tiro partindo da parte de cima da garganta, formada pelas rochas, e uma bala passou sibilando aos nossos ouvidos.

Não se via ninguem nem se ouvia o menor ruido, a não ser o echo produzido pela detonação.

O silencio no bosque era tão profundo, que quasi gelava o coração, tanto mais que o perigo em que nos encontravamos, era invisivel e desconhecido.

— Abriga-te com os rochedos, rapaz, e anda com cuidado, — disse eu a Dolly quando cobrei a serenidade. — Com este divertimento não contavamos nós! Os biltres atiram contra homens desarmados e indefesos, mas não tem duvida! Tão certo como estarmos vivos, que lhe pagarei com dôze balas cada uma das que nos enviarem.

— Sim, sim, capitão! Mas não voltamos para bordo?

— Certamente, que sim! Mas depois tornaremos a terra! Agora será bom que eu te veja correr como um gamo por ahi fóra, e atravessar essa ponte com que nos podemos cobrir.

Saíu com effeito correndo e eu atraz d'elle, por sobre o abysmo de rochedos cuja ponte ligava d'um lado ao outro. O coração parecia querer vir até á bôca, mas... não falemos d'isso!... Não que tivesse medo de nenhum homem n'aquelle dia, mas porque pensava na mulher, cuja vida eu sabia, correr perigo e grande.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Abril 1909

Barometro. — Max. altura $767^{mm},9$ em 29.
» Min. » $755^{mm},1$ em 18.

Thermometro. — Max. altura 25º,2 em 13.
» Min. » 9º,8 em 22.

Temperaturas medias extremas — 20º,02 (13) — 13º,06 (22)

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 16 dias.
» Nublado 12 dias.
» Encoberto 2 dias.

Chuva — $12^{mm},2$ em 7 dias, um dos mais seccos, conhecidos.

Relampagos — Em 14.

Nevoeiro — Em 23.

Contos do Natal — *Dos Irmãos Grimm*, colligidos por Henrique Marques Junior. Um volume de 143 paginas, de pequeno formato, e delicadamente illustrado.

Póde dizer-se que este livrinho é um mimo para as creanças a quem é dedicado, e não podia deixar de o ser para os pequeninos leitores, se é que os grandes tambem lhe não acham sabor, sendo os contos dos Grimm, que depois de Charles Perrault, são os mestres no genero. Para abrilhantar mais a delicada coleção, que Henrique Marques Junior tem dado á estampa com verdadeiro amor pelos seus leitorsinhos, vem o livro precedido de um prefacio, ou melhor, um conto tambem infantil, por D. João da Camara, de saudosa memoria, um conto que é uma perola preciosa que o poeta deixou cahir da sua penna de oiro, com aquela simplicidade e finura que distinguiu todos os seus escritos, e que tão bem quadra neste livrinho.

O leitersinho deve ficar assim muito mais agradecido, pois não só tem de agradecer aos Irmãos Grimm e ao seu delicado tradutor Henrique Marques Junior, mas ainda ao mimoso poeta D. João da Camara, que tão carinhosamente para elles escreveu, com aquelle amor com que o Divino Mestre chamava a si os pequeninos

Lufadas (1902-1908) — *Alberto de Spinola. — Coimbra, Imprensa da Universidade.* — Um voluminho de 80 paginas. São as primicias de um poeta que publica os seus versos dos 15 aos 20 annos, como diz no prefacio, onde tambem diz que Gomes Leal o aconselhara a não os publicar já, para dar tempo a tomar «um rumo seguro e definido» o que decerto era um bom conselho, e que o auctor virá a reconhecer, como aconteçe a tantos que principiam nesta ingrata senda da publicidade.

De facto, o sr. Alberto Spinola revela boa disposição para a poesia e o que por emquanto são ensaios, mais tarde será obra perfeita.

NECROLOGIA

Rocha Peixoto

Desde que apareceu a publico o primeiro fasciculo da *Portugalia*, nos interessou esta grande obra e admirámos o seu iniciador de que pela primeira vez tinhamos conhecimento. Qual não foi, porém, nossa surpresa ao deparar no *Primeiro de Janeiro*, de 4 do corrente, com a noticia do falecimento de Rocha Peixoto, o grande espirito que não hesitára em emprender obra tão colossal pelo valor dos estudos e fundas investigações com que a enriquecia.

Julgavam'l-o um homem encanecido no estudo, acumulando atravez dos annos elementos de luz sobre a historia do passado, e afinal aparece-nos um homen moço ainda, vitima da tuberculose que o devora aos 41 annos de idade, com um cabedal de trabalhos, que outros cultores da mesma vinha não reunem ao fim de provectas idades.

Não conheciamos, pois, o autor da *Portugalia*, senão de nome e pelo o que delle liamos, o que não basta para apreciar mais intimamente o grande cientista, quando encontramos no *Primeiro de Janeiro* um primoroso escrito sobre Rocha Peixoto, firmado pelo sr. Vasco Ortigão de Sampaio, seu amigo de infancia, e que o retrata moral e fisicamente com carinhoso conhecimento, nos seguintes excerptos, que pedimos venia para inserir:

....

«Ali, no meio de todos nós, elle era o mais facil e o mais espontaneo; elle possuia o dom de desconjuntar na dicção, um termo nobremente archaico e vernaculo, produzindo o aleijão ridiculo para as nossas francas gargalhadas; elle sabia vestir uma ideia com a frase mais propria, e para isso, nasciam-lhe os vocabulos pittorescamente populares, como se estivessemos a ver brotar a agua viva d'uma fonte rica e perenne.

Moço, n'esse tempo, com a alma cheia de esperanças, elle batia-se por todos os ideaes da justiça e da bondade; idolatrava a familia, como era a sua religião e estimava os seus amigos como seus irmãos. De resto, o Peixoto estudava constantemente; lia muito e escrevia muito.

E' curioso notar que uma das caracteristicas mais interessantes do seu temperamento era a do polemista; ainda muito novo entrava em campanhas litterarias, com um ardor bem estranho para a sua edade.

Mais tarde, e todavia na juventude, era obrigado a abandonar os estudos academicos que elle cursava, para tomar a seu cargo o sustento de sua familia, mãi e irmãs, que ficavam sós pelo fallecimento de seu pai. Com tamanhas responsabilidades, o Rocha Peixoto começa a angariar o proprio pão e dos seus, com uma tenacidade e bravura pouco vulgares, escrevendo e leccionando por vezes. Toma por esta época o logar de naturalista adjunto ao gabinete e museu de mineralogia da Academia Politecnica, que elle reconstitue e enriquece com verdadeiro amor e attenção cuidadosa.

Por aquelle tempo, em contacto diario com a mocidade academica, elle faz estalar o movimento mais lindo de ideias que, talvez até hoje, em gerações de estudantes, não tenha sido egualado, a proposito da deficiencia do Museu Municipal do Porto; e com aquelle signal de duellista que vincava o seu modo de ser, o Rocha Peixoto escreve uma série de folhetos, quasi panfletarios, insurgindo-se contra o enfatuamento balofo e orgulhoso da catedra, ferindo, até sangrar, o elemento academico, acorrentado inconscientemente á servidão do mestre, n'uma paralisia de cerebro, só propria de negros que guincham como selvagens. Este abalo communica-se aos melhores espiritos da academia, repercute-se, e cria uma effervescencia tal que passa ao jornal e chega até a interessar, n'um momento, a Edilidade.

Friso, em detalhe, este facto da sua vida, porque, desde aquella hora, o Rocha Peixoto ficou em evidencia, pelo seu brilho de raciocinio, pela nobreza dos seus principios e pela sua vivissima intelligencia.

Identificado, já um pouco antes, com os estudos sérios das sciencias naturaes e sociaes da historia e da filosofia, elle fomenta e aquece amorosamente a iniciativa da Sociedade Carlos Ribeiro, nascida d'um grupo de rapazes, entre os quaes elle se encontrava frementе de entusiasmo e de felicidade. Aquella Sociedade viveu na Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, que depois aderiu

elementos valiosos, fóra do nucleo embrionario, para que, assim, se prolongasse uma existencia que, em geral, em nossa terra e para emprehendimentos similhantes, só tem a duração das rosas de maio.

Sem deixar nunca o seu logar, que tanto estimava, de naturalista na Politecnica, o Rocha Peixoto vae occupar, simultaneamente, a cadeira de professor de sciencias naturaes n'uma escola industrial (1) e a direcção da Biblioteca e Museu municipaes. Estava na atmosfera das suas inclinações; no silencio e tranquillidade das salas d'estudo; no retiro e recolhimento para a função de pensar.

Um dia, com o pasmo dos mais habituados, a duvida dos mais incredulos e a grosseira insciencia da multidão sahe essa monumental Revista — Portugalia — pola grey; são tres cerebros poderosos que a engendram e tres corações ardentes que a embalam. E elle lá está, n'essa maravilhosa trindade, vehemente de paixão e brilhante de espirito. E' n'esta Revista extraordinaria e colossal que a ideação de Rocha Peixoto parece cristalisar se no problema etnico de Portugal; ali começou elle a sua bella obra, que deixa incompleta, reunindo o material disperso da etnografia nacional, e investigando, n'uma documentação precisa e detalhada, todos os pontos interessantes das varias manifestações iconologicas, para o estudo do povo portuguez.

O Rocha Peixoto era um homem fisicamente fraco; não possuia musculatura, o torax ossudo e os braços delgados; A cabeça é que se desenvolvera e apresentava assim uma fisionomia insinuante, d'olhar azul e cançado. Conservava, em geral, um ar sisudo e talvez indifferente, porém, não era um septico, como se poderia suppôr. Como exemplo póde-se dizer, em verdade, que elle nunca duvidou, apesar do desalento que demonstrava, da regeneração do seu paiz para melhores dias. Essa era a sua fé e com ella trabalhou sempre; muitas vezes, a sua energica força de vontade venceu difficuldades que a muitos pareceriam insuperaveis e era sempre a sua crença que lhe dava animo.»

(1) *Infante D. Henrique.*

ROCHA PEIXOTO

. . . .

Na vasta coleção de obras que deixou, além dos seus trabalhos na *Portugalia*, destacam-se como mais importantes as seguintes: *A terra portuguesa; Notas sobre a malacologia popular; A tatuagem em Portugal; As olarias do Prado; A pedra dos Namorados; A casa portuguesa; Tabulæ votivæ; O communismo em Portugal; As filigranas; Productos agricolas das colonias portuguesas* (cronicas cientificas); etc.

*

Antonio Augusto da Rocha Peixoto, filho do dr. Antonio Luis da Rocha Peixoto, nasceu a 18 de maio de 1868, na Povoa de Varzim que justamente se orgulha de ser berço dum dos seus filhos mais valiosos. Rocha Peixoto faleceu no Porto, mas o seu cadaver foi trasladado para a Povoa de Varzim no dia 16 do corrente, o que deu logar a uma imponente manifestação que bem exprimiu toda a saudade e respeito pelo grande morto.

Gaspar Pinto Teixeira ✻ ALFAYATE

Fazendas modernas para a estação de verão

GRAVATARIA

Rua Augusta, 245 e 247 — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1$500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dôr

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.° — LISBOA

AGUA DE MESA DIGESTIVA **Propriedade das Hortas** ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrafões de 5 litros **120 réis**

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está officialmente analysada.

DEPOSITO GERAL

FRUCTARIA INTERNACIONAL — 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

Cambios e Papeis de credito

Vierling & C.ª, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

Endereço telegraphico - «STERLING»

Collegio Francês ✻ **Instituto primario e secundario**

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

LISBOA

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitorio, casa de banho com todas as commodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)